

CONTORNOS DA  
ELABORAÇÃO DO  
TRAUMA NA NARRATIVA  
AUTOSSOCIOBIOGRÁFICA A  
*VERGONHA* (1997),  
DE ANNIE ERNAUX

CONTORNOS DE LA ELABORACIÓN DEL TRAUMA EN LA NARRATIVA  
AUTOSOCIOBIOGRÁFICA *LA VERGÜENZA* (1997), DE ANNIE ERNAUX

CONTOURS OF TRAUMA ELABORATION IN THE AUTOSSOCIOBIOGRAPHICAL  
NARRATIVE *SHAME* (1997), BY ANNIE ERNAUX

Eduardo da Silva Moll<sup>\*</sup>

Universidade Federal do Rio Grande

Maria Eduarda Freitas Moraes<sup>\*\*</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

RESUMO: *A vergonha* (2022 [1997]), obra autossociobiográfica de Annie Ernaux, tematiza a dificuldade de narrar uma cena de violência familiar, contornando-a pelo recurso às linguagens e aos artefatos culturais relativos à época desse acontecimento traumático. Como resposta à leitura da obra, o objetivo deste artigo é examinar o funcionamento das linguagens sociais na enunciação do trauma em *A vergonha* (2022 [1997]), de Annie Ernaux, discutindo a produtividade do pensamento bakhtiniano para compreender a elaboração do trauma nas e pelas dinâmicas enunciativas heterodiscursivas. Metodologicamente, verificamos o papel da alteridade na constituição subjetiva a partir do diálogo entre a psicanálise e o pensamento bakhtiniano, mobilizando os conceitos de cronotopo e de heterodiscurso para analisar trechos da obra mencionada. Observando a referida cena pelas lentes psicanalíticas do trauma e de sua transmissão geracional, entendemos que o heterodiscurso possa funcionar como materialidade alteritária concreta, cronotopicamente situada, que ampara o nascimento social do enunciado traumático em outro contexto espaço-temporal, reacentuando axiologias na tensão entre o subjetivo e o social.

PALAVRAS-CHAVE: Trauma. Alteridade. Subjetividade. Transmissão psíquica. Dialogização.

---

<sup>\*</sup> Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor do Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Artigo realizado com fomento do CNPq (140686/2022-3). E-mail: eduardomoll@furg.br.

<sup>\*\*</sup> Psicóloga – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – e psicanalista. Doutoranda em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com bolsa CNPq (141372/2023-0). Membro do Grupo Discursos em Diálogo (PUCRS/CNPq). E-mail: mariaefmoraes@gmail.com.

RESUMEN: *La vergüenza* (2022 [1997]), obra autosociobiográfica de Annie Ernaux, aborda la dificultad de narrar una escena de violencia familiar, utilizando lenguajes y artefactos culturales propios de la época del suceso traumático. Este artículo tiene como objetivo analizar el funcionamiento de los lenguajes sociales en la expresión del trauma en dicha obra, evaluando la aplicabilidad del pensamiento bakhtiniano para entender la construcción del trauma a través de dinámicas enunciativas heterodiscursivas. Metodológicamente, se examina el papel de la alteridad en la formación subjetiva, en el cruce entre la psicoanálisis y el pensamiento de Bakhtin, empleando los conceptos de cronotopo y heterodiscurso para analizar fragmentos de la obra. Al observar la escena en cuestión desde la perspectiva psicoanalítica del trauma y su transmisión generacional, se concluye que el heterodiscurso pueda actuar como una materialidad alteritaria concreta, situada cronotópicamente, que sustenta el nacimiento social del enunciado traumático en otro contexto espacio-temporal, reacentuando axiologías en la intersección entre lo subjetivo y lo social.

PALABRAS CLAVE: Trauma. Alteridad. Subjetividad. Transmisión psíquica. Dialogización.

ABSTRACT: *Shame* (2022 [1997]), an autosociobiographical narrative by Annie Ernaux, addresses the difficulty of narrating a scene of family violence by resorting to the languages and cultural artifacts that permeated the traumatic event. This article aims to examine the functioning of social languages in the enunciation of trauma in *Shame* (2022 [1997]) by Annie Ernaux, discussing the productivity of Bakhtinian thought for approaching the elaboration of trauma through and by heterodiscursive enunciative dynamics. Methodologically, we examine the role of alterity in subjective constitution through a dialogue between psychoanalysis and the Bakhtinian thought, employing the concepts of chronotope and heterodiscourse to analyze selected excerpts from the narrative. Observing the aforementioned scene through the psychoanalytic lenses of trauma and its generational transmission, we understand that heterodiscourse may function as a concrete materiality of alterity, situated chronotopically, that supports the social emergence of the traumatic enunciation in another spatiotemporal context, reaccentuating values in the tension between both subjective and public aspects.

KEYWORDS: Trauma. Otherness. Subjectivity. Psychic Transmission. Dialogism.

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os estudos bakhtinianos qualificam a alteridade como constitutiva da formação da subjetividade, da consciência e dos enunciados (Bubnova, 2016), atestando a produtividade do aporte de Bakhtin e do Círculo<sup>1</sup> ao estudo de fenômenos semânticos instados *entre* a consciência individual e o discurso social; *entre* a palavra própria e a palavra alheia. A problematização de limites estanques concernentes às instâncias semântico-sociológicas do próprio e do alheio considera não só a palavra-minha enquanto uma apropriação reelaborada da palavra-alheia, mais ou menos imediata e identificável (Bakhtin, 2016 [1952-1953], 2017 [1970-1971], 2018 [1963], 2018 [1975], 2020 [1920-1924]), mas também o discurso social enquanto historicização e atualização de enunciados na e pela participação responsável de sujeitos singulares (Bubnova, 2016). Tal cenário de investigações cria uma zona dialogal interdisciplinar produtiva aos estudos psicanalíticos sobre o trauma, tendo em vista as relações entre aspectos subjetivos (Freud, 1996 [1886-1889], 2014 [1916-1917]), discursivos (Freud, 2010 [1920], 2010 [1914]; Lacan, 1998 [1953], 2008 [1964]) e transgeracionais (Silva, 2023; Inglez-Mazarella, 2020; Vasconcelos; Lima, 2015) do traumatismo psíquico.

A referida zona dialogal se constrói, neste artigo, ao redor de uma leitura analítica da obra *A vergonha* (2022 [1997]), de Annie Ernaux. A autora, vencedora do Prêmio Nobel de Literatura de 2022, nasceu em 1940, em Lillebonne, na França, e viveu sua infância e adolescência em Yvetot; estudou na Universidade de Rouen e foi professora por mais de trinta anos. Ernaux é filha de operários que, posteriormente, tornaram-se pequenos comerciantes e tinham pouco acesso ao estudo. Em sua obra, a autora discute a possibilidade de mudança de classe social, bem como as inequidades entre classes dominantes e dominadas. A partir do tratamento analítico da literatura ernausiana, uma série de estudos vem se debruçando sobre a autossociobiografia enquanto objeto estético – e, conseqüentemente, discursivo –, conforme exemplificam os trabalhos de Montémont (2012, 2015) e Bertrand (2018), entre outros. Observemos, então, a conceituação desse termo.

<sup>1</sup>No campo dos estudos discursivos, a expressão “Círculo de Bakhtin” se refere a um grupo interdisciplinar de pensadores que, entre 1919 e 1929, na Rússia, realizou reuniões para discutir questões relacionadas à filosofia (da linguagem), aos estudos linguísticos, à arte, à biologia, entre outras. Para os estudos bakhtinianos, os escritos de Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov e Pável Medviédév ganham proeminência (Faraco, 2009).

Em *A escrita como faca*, obra com transcrição de entrevistas de Ernaux (2023 [2003]) a Frédéric-Yves Jeannet, a referida autora caracteriza *A vergonha* (2022 [1997]), objeto de análise deste artigo, como sendo uma obra tipicamente autossociobiográfica. No rol de sua literatura, as escritas autossociobiográficas são definidas como “[...] ‘explorações’ em que se trata menos de afirmar o ‘eu’ ou de ‘encontrá-lo’ e mais de perdê-lo em uma realidade mais ampla, uma cultura, uma situação, uma dor etc.” (Ernaux, 2023 [2003], p. 36). Essa breve reflexão permite-nos contemplar a autossociobiografia como um gênero discursivo que tensiona os domínios experienciais público e privado, constituindo um projeto ético, estético e político que, segundo Montémont (2015), encontra-se mais bem exemplificado em *Os anos*, publicado em 2008. Nessa obra, em termos enunciativos, observa-se “[...] um sistema de pontos de vista superpostos no qual aquilo que sucede a uma mulher francesa, nascida em 1938, torna-se porta de entrada à compreensão de toda uma sociedade; e no qual, reciprocamente, a história ilumina um percurso individual, a que ela imprimiu suas vicissitudes, suas necessidades e seus percalços” (Montémont, 2015, p. 153, tradução nossa).<sup>2</sup>

Logo, podemos abordar a autossociobiografia como um modo de estilizar o gênero autobiográfico, o qual tem sido desenvolvido por Ernaux e por outros autores franceses contemporâneos, como Édouard Louis e Didier Eribon. Tematicamente, trata-se da descrição e rememoração do passado social e familiar de um sujeito, analisando características dos agentes sociais relacionadas àquilo que, da experiência, pode caber na escrita. Ao refletir sobre o empreendimento autossociobiográfico particularizado em sua obra, Ernaux (2023 [2003]) identifica o ímpeto de enformar narrativas que criem um efeito de aproximação ao real vivido, sem, com isso, tamponar as lacunas da memória ou a impossibilidade de tudo escrever. Além disso, ao desenvolver a autossociobiografia, a autora busca responder às críticas de Bourdieu (2011 [1994]) quanto à ilusão autobiográfica, ou seja, a uma aceção de autobiografia como narrativa linear, em que “[...] uma vida é insuperavelmente o conjunto de acontecimentos de uma existência individual, concebida como uma história e uma narrativa dessa história” (Bourdieu, 2011 [1994], p. 74), concepção que ignoraria “[...] os mecanismos sociais que privilegiam ou autorizam a experiência comum da vida como unidade e como totalidade” (Bourdieu, 2011 [1994], p. 76-77).

Considerando o imbricamento entre forma e conteúdo, *A vergonha* tensiona a rememoração das condições materiais de uma infância marcada pela pobreza, e a análise de experiências íntimas pela narradora, a partir do contraste entre o convívio familiar e as interações com grupos de outras classes sociais. Nisso, tematiza-se a educação, a religião e a cultura letrada como fatores sociais que alçariam a narradora, futuramente, à posição de trãnsfuga de classe (Ernaux, 2022 [1997]), a partir da qual ela questiona a concorrência da mobilidade social para a mudança de comportamentos, de interpretações da realidade e de valores constitutivos da subjetividade. Nesse contexto, a vergonha desponta como afeto complexo, enunciado desde uma análise distanciada de cenas cuja natureza violenta permanece incompreendida. No campo psicanalítico, Freud (2016 [1905]) aponta a vergonha como afeto reativo ao desprazer, barrando o acesso do acúmulo pulsional à consciência. Nessa via, a vergonha representa um modo de inibição das excitações sexuais no campo social, uma vez que sempre depende do olhar do outro para se fazer presente. Veremos de que modo Ernaux partilha a sua vergonha diante da cena familiar ao enunciar seu discurso autossociobiográfico.

Logo nas primeiras linhas dessa autossociobiografia, lemos a descrição de uma cena de violência familiar testemunhada pela narradora durante a infância: “[...] meu pai tentou matar minha mãe num domingo de junho, no começo da tarde” (Ernaux, 2022 [1997], p. 9). Para a narradora, o evento ocorrido em 15 de junho de 1952 demarcou “[...] a primeira data precisa e clara da minha infância” (Ernaux, 2022 [1997], p. 10), tornando-se uma cena posteriormente conservada como motivo de fundo em seus escritos. O estilo da escrita parece revelar uma metodologia e/ou técnica artística específica, a saber, a de, nomeada e explicitamente, rememorar, pesquisar e inserir fragmentos discursivos concernentes à época do evento, “[...] como documentos que vão iluminar uns aos outros ao serem abordados de diferentes pontos de vista”, exigindo que a narradora se posicione subjetivamente como “etnóloga de mim mesma” (Ernaux, 2022 [1997], p. 24). Nesse contexto, a passagem do trauma ao enunciado no/pelo recurso estilístico às linguagens sociais explicitamente recuperadas do contexto da própria infância é a tônica de *A vergonha*, direcionando o tema deste artigo.

<sup>2</sup>No original, “Un système de points de vue superposés où ce qui arrive à une femme française née en 1938 devient une porte d’entrée sur la compréhension d’une société tout entière; et où, réciproquement, l’histoire éclaire un parcours individuel, auquel elle a imprimé ses accidents, ses nécessités et ses aléas”.

A necessidade de compreender, *a posteriori*, a agressão testemunhada na infância poderia ser abordada, segundo Freud (2014 [1916-1917], p. 367), como efeito de “[...] uma vivência que, em curto espaço de tempo, traz para a vida psíquica um tal incremento de estímulos que sua resolução ou elaboração não é possível de forma costumeira”. Em *Além do princípio do prazer*, o autor salienta que o trauma advém de um excesso de quantidade de excitação psíquica, que permanece não ligada a representações no psiquismo. Nesse caso, o sujeito se encontraria “psiquicamente fixado ao trauma” (Freud, 2010 [1920], p. 169), tornando a reviver uma dada situação traumática a fim de ligá-la a outras representações, ainda que isso provoque desprazer. Nessa via, podemos compreender que a vivência da narradora quando criança se relaciona a uma experiência potencialmente traumática, demarcando um antes e um depois, pois rompe com a ordem do mundo, com as representações que possuía até aquele momento.

Aos olhos da crítica, narrativizar eventos traumáticos, ato compartilhado por autores franceses contemporâneos, representa “[...] uma prática transgressiva que consiste em verbalizar algo cuja natureza é da ordem do indizível” (Bertrand, 2018, p. 82, tradução nossa)<sup>3</sup>. Essa transgressão particulariza-se em Ernaux, segundo Montémont (2015, p. 164, tradução nossa)<sup>4</sup>, ao fazer da revisitação de documentos do passado um recurso composicional, mesclando “[...] discurso autobiográfico e o discurso exógeno; a língua literária e a língua popular”, orquestradas “[...] como forma de assumir os machucados de uma história de vida”. Nesse contexto, propomos, enquanto problema de pesquisa deste artigo, uma reflexão sobre o funcionamento do heterodiscurso social na (re)constituição e revalorização de episódios difíceis de serem narrados, observando a constituição do discurso autossociobiográfico em face à elaboração do trauma.

Segundo Bakhtin (2015 [1934-1935], p. 66), o prosador singulariza sua voz autoral em resposta às múltiplas *línguas do heterodiscurso*, ou *linguagens sociotípicas*, as quais qualificam o discurso como espaço de concretas “[...] contradições socioideológicas entre o presente e o passado, entre diferentes épocas do passado, entre diferentes grupos sociológicos do presente, entre correntes, escolas, círculos etc.”. As vozes sociais que compõem as múltiplas linguagens heterodiscursivas situam grupos e indivíduos no tempo e no espaço, os quais se entrecrocam semanticamente no enunciado. Com efeito, dialogizando a pluralidade de já-ditos, o enunciado “[...] não pode deixar de tocar milhares de linhas dialógicas vivas envoltas pela consciência sociológica no entorno de um dado objeto da enunciação” (Bakhtin, 2015 [1934-1935], p. 49). Nesse sentido, observamos a relação entre o heterodiscurso e o teor fundacional da alteridade na constituição da subjetividade (Bubnova, 2016), tendo em vista que tanto o enunciado quanto a consciência se desenvolvem na fronteira “entre o que é seu e o que é do outro” (Bakhtin, 2015 [1934-1935], p. 69). Com isso, nossa zona dialogal interdisciplinar enriquece-se pela possibilidade de demarcar visões de mundo mobilizadas na (re)constituição de um acontecimento à espera da enunciação, considerando o papel do tempo para que o sujeito, ao descobrir uma resistência traumática, “[...] a elabore, para que a supere, prosseguindo o trabalho apesar dela” (Freud, 2010 [1914], p. 208).

Propomos, então, como objetivo geral deste artigo, examinar o funcionamento das linguagens sociais na enunciação do trauma em *A vergonha* (2022 [1997]), de Ernaux, discutindo a produtividade do pensamento bakhtiniano para compreender a elaboração do trauma nas dinâmicas enunciativas heterodiscursivas. Para tanto, realizamos uma pesquisa *entre* os estudos bakhtinianos do discurso e a psicanálise. Embora reconheçamos divergências epistemológicas – como as críticas à psicanálise registradas nos escritos de Volóchinov (2017 [1927], 2018 [1929], 2019 [1925])<sup>5</sup>, seguidas pelas reavaliações destas por estudiosos do campo (Lima; Perini, 2009; Moura-Vieira, 2016; Grillo, 2017; Monroy, 2019) –, realizamos “delimitações benevolentes” entre os campos, salientando a “[...] cooperação” entre eles e a oportunização de pontes dialógicas nas “zonas fronteiriças” disciplinares (Bakhtin, 2017 [1970-1971], p. 28). Assim como Pinheiro, Aguiar e Carvalho (2019, p. 272), privilegiamos “[...] o trânsito dialógico de metáforas e alegorias que favoreçam a ampliação do olhar tanto para a psicanálise quan[t]o para o dialogismo, como se uma pudesse ser o excedente de visão da outra”.

<sup>3</sup> No original, “Mettre en récit son enfance, écrire le récit de cette enfance relève, nous l’avons vu, d’une pratique transgressive qui consiste à mettre des mots sur ce qui par nature est de l’ordre de l’indicible”.

<sup>4</sup> No original, “Ce mouvement de coexistence des deux langues, discours auto-biographique et discours exogène, langue littéraire et langue populaire, ne va pas de soi : dans le prolongement du reste de l’œuvre, il est aussi une façon d’assumer ce qui, dans une vie, blesse ou a blessé (l’avortement, le geste fou du père, la passion amoureuse, la maladie)”.

<sup>5</sup> Nos estudos bakhtinianos, a autoria em obras de Volóchinov e Medviédév é contestada. A tradução de Paulo Bezerra atribui a autoria da obra *O freudismo: esboço crítico* a Bakhtin, mas estudos documentais (Grillo; Américo, 2019) indicam que essa obra, de 1927, expande um ensaio assinado por Volóchinov em 1925. Portanto, aferimos a autoria a Volóchinov tanto nas citações quanto nas referências, conforme procedimento adotado por Moll (2022).

Metodologicamente, conceitos do Círculo como alteridade e subjetividade (Bakhtin, 2020 [1920-1924]; Volóchinov, 2017 [1927], 2019 [1925]), heterodiscurso (Bakhtin, 2015 [1934-1935]), cronotopo (Bakhtin, 2018 [1975]) e transmissão do discurso do outro (Volóchinov, 2018 [1929]) guiam a discussão sobre a tensão entre o próprio e o alheio, seja nas articulações teóricas com o campo psicanalítico, seja nas dinâmicas enunciativas de nosso objeto. Para atingir o objetivo, analisaremos trechos de Ernaux (2022 [1997]) iluminados pelos escritos filosóficos iniciais de Bakhtin e pela concepção freudiana de trauma, sondando como o ideário bakhtiniano ilumina o traumatismo enquanto alteridade enigmática e constitutiva à subjetividade. Nessa discussão, analisaremos, na narrativa de Ernaux (2022 [1997]), de que maneira as linguagens heterodiscursivas da infância são orquestradas, buscando compreender o funcionamento enunciativo entre a memória e o heterodiscurso em face à elaboração do trauma.

## 2 A SUBJETIVAÇÃO DO TRAUMA, ENIGMA DO OUTRO

No ensaio *Do outro lado do social: sobre o freudismo* (2019 [1925]), Volóchinov lança as bases para a expansão de seu pensamento crítico no livro *O freudismo: um esboço crítico* (2017 [1927]), marcos teóricos relevantes à interface entre o dialogismo e a psicanálise (Grillo, 2017). Tendo considerado, principalmente, os escritos freudianos da primeira tópica, Volóchinov (2019 [1925], p. 63) entende o freudismo como representante de uma vertente filosófico-ideológica individualista, que opera uma “[...] tração para fora do mundo da história e do social, na direção do aconchego sedutor da autossuficiência orgânica e da erradicação da vida”.

As críticas de Volóchinov ao freudismo já foram revisitadas por estudiosos do campo. Lima e Perini (2009) salientam a interpretação redutora de conceitos freudianos como o de pulsão, induzindo os leitores a acreditarem que o psicanalista, supostamente, conceituaria o indivíduo sem levar em conta o social. Grillo (2017, p. 62), além de atestar a presença de fatores sociais, econômicos e culturais na constituição do psiquismo em Freud, argumenta que esse modelo teórico “[...] não [lhe] parece incompatível com a concepção de um sujeito constituído socioideologicamente e uma sociedade movida pela contradição e pela luta de interesses econômicos”. Também, trabalhos como o de Monroy (2019) defendem a produtividade de reanimar diálogos entre o dialogismo e a psicanálise, pensando no enriquecimento mútuo das teorias. Por fim, Pinheiro, Aguiar e Carvalho (2019) destacam a relação entre o sujeito, seu outro e a linguagem como ponte dialógica implícita entre o dialogismo e a psicanálise lacaniana. Segundo as autoras, criticando Freud, Volóchinov ressalta o papel da alteridade na constituição do sujeito, aspecto igualmente desenvolvido no ensino psicanalítico de Lacan. Um conceito que exemplifica a ponte dialógica referida é o *segundo nascimento social*, designando o processo de apropriação da linguagem como aspecto humanizador, destinando um lugar social ao sujeito: “*O indivíduo humano só se torna historicamente real e culturalmente produtivo como parte do todo social, na classe e através da classe. Para entrar na história é pouco nascer fisicamente: assim nasce o animal, mas ele não entra para a história. É necessário algo como um segundo nascimento, um nascimento social.*” (Volóchinov, 2017 [1927], p. 11).

Ideias próximas ao batismo social do corpo podem ser depreendidas dos escritos psicanalíticos, por analogia. Monroy (2019) reconhece a menção à *ajuda alheia* na experiência fundacional de satisfação como uma das primeiras figurações da alteridade nos escritos freudianos, conforme lemos em *Projeto para uma psicologia científica*. Segundo a autora, a descarga instintual da tensão é um traço do reino animal. Entretanto, a experiência de satisfação relacionada ao prazer é específica do humano, pois acena ao papel fundacional do outro na interpretação cultural da experiência de alívio. É preciso uma ação externa intencional, cuidadora, desejosa, uma “*ajuda alheia*” a partir da qual a função de “*comunicação*” se instala, não só tamponando o desamparo, mas se tornando, futuramente, “[...] fonte primordial de todos os motivos morais” do indivíduo (Freud, 1996 [1886-1889], p. 379).

Depreende-se do *Projeto* que o movimento de um adulto, representante da cultura, em direção a um corpo agonizante perfaz movimentos rudimentares de atenção afetivamente guiada, função relacional da qual germinará a comunicação. Para Lacan (2008 [1964]), a comunicação – ou, como veremos na sequência, *evocação* – é função tipicamente humana de caráter simbólico, rito de passagem entre o desamparo e o *cuidado*, a partir do qual o sujeito demanda o outro e constitui sua realidade psíquica, nascendo para a cultura. Tal cuidado é proporcionado, no princípio, exclusivamente pelo outro imaginário, sem o qual o posterior senso de unidade psíquico-corporal, designado imagem do corpo, não se formaria; esse outro imaginário encarna o Outro simbólico, que interpreta a necessidade do bebê como demanda, ou seja, segundo a lei significante. Nesse contexto, Monroy (2019) correlaciona as reflexões lacanianas às freudianas, afirmando que a experiência de alívio relacionada ao cuidado será reiterada pelo sujeito como

um traço mnêmico, reativado em situações análogas “de *urgência* ou *desejo*” (Freud, 1996 [1886-1889], p. 381). Então, Monroy (2019, p. 85), tensionando o paradigma freudo-laciano ao bakhtiniano, entende que “[...] nesse reconhecimento do outro[,] que surge de uma necessidade fisiológica, corporal a que o outro responde, tornando-a demanda de amor, Freud encontra a origem da vida afetiva e espiritual do ser humano”.

Lacan (1998 [1953], p. 301), em *Função e campo da fala e da linguagem*, afirma que “[...] a função da linguagem não é informar, mas evocar”, postulando a evocação do Outro como função primeira da fala. Isso implica assumir que todo contato com um outro imaginário evoca uma série de relações de presença e ausência típicas da articulação significante, do campo do Outro. Trata-se, portanto, da evocação da própria linguagem enquanto estrutura perante a qual os sujeitos se posicionam. Bakhtin (2018 [1963]), por sua vez, também discute a função do apelo ao outro na análise das personagens em *Problemas da poética de Dostoiévski*, embora desde outra epistemologia. O apelo constitui o sujeito e o sentido desde uma articulação triádica entre o eu, o outro e a linguagem enquanto elemento terceiro, histórico e cultural (Bubnova, 2016). Logo, a subjetividade é evocação ao diálogo:

A autoconsciência do herói em Dostoiévski é totalmente dialogada: em todos os seus momentos está voltada para fora, dirige-se intensamente a si, a um outro, a um terceiro. Fora desse apelo vivo para si mesma e para outros ela não existe nem para si mesma. Nesse sentido pode-se dizer que o homem em Dostoiévski é o *sujeito do apelo*. Não se pode falar sobre ele, pode-se apenas dirigir a ele. (Bakhtin, 2018 [1963], p. 292).

Conforme lemos na assertiva anterior, Bakhtin (2018 [1963]) discute uma constitutiva relação entre autoconsciência e enunciado, mais especificamente, entre subjetividade e *direcionamento enunciativo*. Ora, a responsividade pode ser pensada como função simbólica típica do dialogismo enquanto aspecto definidor da natureza da linguagem. Nessa perspectiva, direcionar-se ao outro pode ser concebido como causa e condição concretas da construção de sentidos ao longo da história, a partir de entrecosques culturais e discursivos diversos. Respeitando diferenças epistemológicas e buscando semelhanças de família entre as teorias (Pinheiro; Aguiar; Carvalho, 2019), enquanto em Lacan (1998 [1953]) a linguagem é o lugar virtual simbólico de realização do sujeito do inconsciente, em Bakhtin (2018 [1963]) as dinâmicas concretas de endereçamento enunciativo parecem ressaltar o papel das próprias dinâmicas languageiras (e, portanto, heterodiscursivas) na estruturação da subjetividade. Esse papel é descrito por Bubnova (2016) como o terceiro da interação, ou seja, a própria linguagem enquanto lugar de dinâmicas discursivas menos aparentes aos interlocutores, embora responsivas a eles e, portanto, sempre presentes na coconstrução de sentidos. Em suma, tanto a evocação lacaniana quanto o apelo bakhtiniano põem em destaque a necessidade de investigarmos um funcionamento mais amplo da linguagem nas dinâmicas de constituição de sentidos e subjetividades. Vejamos como isso pode ser pensado no viés dialógico.

Se, para Lacan (1998), a linguagem é um campo evocado enquanto instância que ratifica as posições subjetivas, os valores e as axiologias do outro concreto constituem o primeiro plano do apelo em Bakhtin (2018 [1963]). Porém, o apelo dialógico não se subsume à concretude do parceiro de interlocução: conforme a citação recuada anterior, há um direcionamento constante “[...] a si, a um outro, a um terceiro”. Esse constante direcionamento da palavra e da consciência ao outro e ao terceiro põe em cena a evocação da própria linguagem enquanto espaço no qual as consciências e as subjetividades se constituem. Por isso, compreendemos que, em ambas as perspectivas, bakhtiniana e psicanalítica, o sujeito evoca a alteridade (Pinheiro; Aguiar; Carvalho, 2019), sendo função do Outro, da linguagem, inscrever o sujeito no laço social. Ainda, a alteridade comporta a instância *personalizada* do ato, entre o eu e o outro concreto – mesmo que seja presumido –, sem desconsiderar que “[...] além desse destinatário (segundo), o autor do enunciado propõe, com maior ou menor consciência, um supradestinatário superior (o terceiro), cuja compreensão responsiva absolutamente justa ele pressupõe quer na distância metafísica, quer distante no tempo histórico” (Bakhtin, 2016 [1959-1961], p. 102). Conforme lemos em *O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas: um experimento de análise filosófica*, o “terceiro no diálogo” é um construto bakhtiniano que parece acenar a algo mais além da concretude do outro imediato enquanto parceiro interacional, pondo em cena a própria dimensão da historicidade discursiva, “[...] alguma instância superior de compreensão responsiva que possa se deslocar em diferentes sentidos”, um “terceiro invisivelmente presente, situado acima de todos os participantes do diálogo (parceiros)” (Bakhtin, 2016 [1959-1961], p. 102). Nesse sentido, podemos compreender “[...] a própria linguagem como o terceiro do diálogo”, visto que “[...] a língua somente pode existir mediante o discurso, isto é, em seu caráter de apelação ou interação, de um devir social personalizado mediante a responsabilidade” (Bubnova, 2016, p. 145). A partir disso, a “gênese alteritária da

subjetividade” (Pinheiro; Aguiar; Carvalho, 2019, p. 272) pode vir a se tornar um eixo dialógico entre os ideários bakhtiniano e psicanalítico.

Tanto na perspectiva bakhtiniana quanto na psicanalítica, a palavra opera “[...] enquanto signo, ou seja, vínculo de significação – vínculo afetivo – entre o sujeito e o Outro” (Monroy, 2019, p. 91). Tal vinculação, segundo Inglez-Mazzarella (2020, p. 35), pode ser analisada pelo viés da *transmissão psíquica* geracional, em que conteúdos inconscientes se transmitem por diferentes gerações, relacionando temporalidade e filiação no incontornável “entrelace entre o intrapsíquico e o intersubjetivo”. Silva (2023, p. 20) entende que a transmissão psíquica pode se dar por “[...] identificação aos modelos parentais (história do indivíduo)”, quando a criança se aliena a aspectos inconscientes dos cuidadores, ou pela introjeção de “[...] traços mnemônicos das relações anteriores (pré-história do indivíduo)”, desconhecidas pelo sujeito.

Em termos bakhtinianos, podemos pensar a transmissão psíquica como a interação subjetivamente constitutiva entre o eu e o outro, dialogando com elementos da própria situação histórica e temporal da produção de sentidos, ou seja, com o cronotopo. Segundo Bakhtin (2018 [1975], p. 227), o cronotopo é uma “materialização predominante do tempo no espaço” na literatura, a partir das quais as ideias dos personagens (filosóficas, políticas, íntimas) “se enchem de sangue e carne”. Nesse sentido, a linguagem “é essencialmente cronotópica como um acervo de imagens”, bem como é “[...] cronotópica a forma interna do discurso, ou seja, aquele sinal mediador por meio do qual os primeiros significados espaciais se transferem para as relações temporais (no sentido mais amplo)” (Bakhtin, 2018 [1975], p. 227-228). Dessa descrição, podemos notar o tensionamento de duas esferas semânticas no funcionamento da cronotopia: a concretude (o “sangue” e a “carne” da tematização espaço-temporal concreta) e a potencialidade (o “acervo de imagens” disponíveis à tematização no/pelo enunciado). Em outras palavras, observamos que a cronotopia se refere tanto à materialização da concretude mais imediata de uma dada situação enunciativa quanto a um acervo histórico contínuo, disponível na/pela própria linguagem, de significados espaço-temporais. No cronotopo, tempo e espaço são indissociáveis, criando o contexto que a personagem habita na narrativa e, nele, valora o seu entorno, assim como o seu entorno a valora. A personagem, sujeito que age na narrativa, sempre está vinculada à dimensão da alteridade em seus aspectos concreto (imediato) e potencial (mais amplo, circundante, terceiro, cf. Bubnova, 2016), pois age conforme as suas valorações responsivas ao outro. Além de revelar as condições situacionais da valoração direcionada ao outro, o cronotopo situa a relação da personagem com o tempo através do seu modo de enunciar a narrativa. Ainda que trate de um tempo passado, o cronotopo é sempre vivo, pois reatualiza, revalora e, com isso, elabora novos sentidos por meio da voz humana (Bakhtin, 2018 [1975]).

Estudaremos o trauma em *A vergonha* articulando a transmissão psíquica enquanto lógica de filiação e aspectos subjetivos e heterodiscursivos inscritos no conceito de cronotopo. Primeiramente, a narradora afirma que a cena familiar de violência se interpõe às relações interpessoais, presentificando-se nos novos enlaces amorosos, conforme observamos a seguir: “[...] meu pai tentou matar minha mãe pouco antes de eu fazer doze anos”, e “[...] ter vontade de dizer essa frase significava que eu estava apaixonada por eles. Todos se calaram depois de ouvi-la” (Ernaux, 2022 [1997], p. 11). A cronotopia da cena vivenciada aos doze anos, condensada no enunciado endereçado aos namorados, indicia a necessidade de integrar a cena alteritária traumática no apelo e na demanda ao outro. Em outras palavras, o trauma, lembrado pelo apelo à própria história no contexto de novas relações amorosas, busca, no/pelo direcionamento ao outro, alguma reintegração. Observaremos como a palavra alheia – seja aquela dos discursos alheios, seja a palavra refrangida/presumida do outro – torna-se a mola propulsora desse processo.

Em *Conferências introdutórias à psicanálise*, Freud caracteriza (2014 [1916-1917]) o retorno insistente do trauma em termos de fixação na temporalidade do evento, como se os sujeitos “[...] jamais tivessem superado a situação traumática, ou seja, como se essa tarefa ainda se apresentasse diante deles, atual e intacta” (Freud, 2014 [1916-1917]), p. 367), a tal ponto de que tal “confinamento” na cena manteria tais pessoas “afastadas do presente e do futuro” (2014 [1916-1917], p. 364). Em uma leitura bakhtiniana dessas proposições, podemos pensar que o sujeito, em um tempo posterior ao acontecimento, semantiza o encontro com o outro, no cronotopo de crise, de uma maneira ainda desarticulada de sua própria história. Com isso, torna-se necessário constituir representações articuláveis aos demais eventos da vida do sujeito. Se, no viés bakhtiniano, o enunciado “[...] é um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo” (Bakhtin, 2016 [1952-1953], p. 57), em psicanálise, a transmissão psíquica permite-nos pensar que “[...] somos elo em uma cadeia muito anterior à nossa chegada, com a qual temos uma dívida” (Inglez-Mazzarella, 2020, p. 60) – aquela de historicizar e subjetivar uma herança.

Na obra *A vergonha*, o segundo nascimento social (Volóchinov, 2017 [1927], 2019 [1925]), a ajuda alheia (Freud, 1996 [1886-1889]) e a evocação do Outro (Lacan, 1998 [1953]) organizam o ato enquanto um compromisso responsivo, articulando o discurso próprio ao alheio. Um dos fragmentos dessa narrativa parece revelar como a (re)construção da própria história demanda o contato com o discurso social: “Associar para sempre a palavra *particular* à falta e ao medo. Mesmo na expressão *vida particular*. Escrever é algo público” (Ernaux, 2022 [1997], p. 53). A partir desse fragmento, compreende-se uma posição ética e responsiva da autora em romper o medo de publicizar sua palavra, à medida que ela materializa sua experiência carregada e valorada com um potencial traumático. Esta, por sua vez, implica não meramente uma possibilidade de elaboração e representação de um trauma de modo particular (embora projetado na esfera pública), mas mobiliza no laço social aspectos do cronotopo da cena traumática narrada. Essa posição é relevante em termos subjetivos e sociais, visto que o medo – em sua versão intensificada, o horror vazio de palavras – é um dos afetos portados pelo trauma. Ao romper tal horror, mesmo gerando desprazer, busca-se uma elaboração da cena e chega-se à vergonha como sintoma que revela uma verdade familiar (Lacan, 2003 [1969]). Vejamos como esses apontamentos iluminam a análise do relato da seguinte cena:

Meu pai tentou matar minha mãe num domingo de junho, no começo da tarde. Eu tinha ido à missa das 11h45, como sempre fazia. [...] Depois de tirar a mesa e limpar a toalha de plástico, ela [a mãe] continuou a criticar meu pai, andando de um lado para o outro, como fazia quando estava aborrecida, pela minúscula cozinha – que ficava espremida entre o café, a mercearia e a escada que levava ao andar de cima. Meu pai ficou sentado à mesa, sem responder, com o rosto virado para a janela. De repente, começou a tremer de modo convulsivo e ficou ofegante. Ele se levantou e eu o vi segurar minha mãe com força e arrastá-la para o café aos gritos, com uma voz rouca, que nunca tinha ouvido. [...] Depois ouvi minha mãe berrar: ‘Filha, filha!’. [...] Desci correndo as escadas e gritei, com toda força, ‘socorro!’. [...] A partir daqui, só consigo me lembrar dos soluços e dos gritos. [...] Meu pai não tinha voltado ao normal, estava com as mãos trêmulas e ainda com aquela voz estranha. Ficou repetindo ‘está chorando por quê, se eu não fiz nada com você?’ Eu me lembro de ter falado uma frase: ‘Você vai me afundar na desgraça’. [...] Depois, saímos os três para andar na bicicleta numa área rural que ficava nos arredores. Na volta, meus pais reabriram o café, como o faziam todos os domingos à noite. Nunca mais se falou no assunto. (Ernaux, 2022 [1997], p. 9-10).

No recorte, a autora enuncia uma cena marcada ora pela descrição espacial, ora pela sequência temporal, que, inscritas nos enunciados proferidos pelo pai e pela mãe, dão contornos narrativos e semânticos à cena traumática, a qual que remonta, em certa medida, a uma cena primária, no sentido de construção de uma imagem de filiação (Felippi, 2001); nesse caso, a imagem fica marcada pela vergonha como significante. O grito de “socorro”, única palavra própria rememorada e transcrita, marca sua resposta imediata à cena de agressão, indicando como o trauma fora primeiramente respondido no apelo à ajuda externa, refletindo o susto e refratando a impotência.

Mencionando os costumes – a ida à missa, “como sempre fazia”, e a abertura do café, “como o faziam todos os domingos à noite” –, o enunciado traz à cena “*o problema da imagem da linguagem*” (Bakhtin, 2015 [1934-1935], p. 129), ou seja, da representação da linguagem alheia, a qual refrata uma série de valores sociais. De um lado, o cristianismo, associado à benevolência e à comunhão, sugere o esforço em sustentar a herança cristã como uma imagem heterodiscursiva aprazível à comunidade cidadina, demarcando a pertença da família ao social. Isso se entrecalha, de outro lado, com a violência familiar, cujo núcleo duro é um *segredo* presentificado pelo hiato semântico entre a costumeira refeição familiar e a respiração ofegante e trêmula que, “de repente”, assomou o pai. Após a descrição gráfica da violência, a temporalidade narrativa só se restitui pelo silêncio (“Nunca mais se falou no assunto”). Ou seja, naquilo que tange ao cronotopo, temporalmente, o enunciado comporta a menção à rotina prévia e posterior à violência; espacialmente, o silêncio encarna uma lacuna entre o ato do pai e sua motivação.

Nas palavras da narradora, o ocorrido adquiriu “caráter sagrado de ícone”, cuja imobilidade espaço-temporal a faz crer ser tal cena “que me leva a escrever, de que é ela que está no fundo dos meus livros” (Ernaux, 2022 [1997], p. 19). A ausência de temporalização narrativa do traumatismo (Inglez-Mazzarella, 2020) consta no enunciado quando, ao despontar da violência, a narradora afirma lembrar-se apenas “dos soluços e dos gritos”. Pensamos que a enunciação do trauma, compreendida como um dizer no âmbito social, revaloriza e reatualiza a relação entre os signos da violência, a cronotopia da cena traumática e as múltiplas vozes heterodiscursivas que permeiam distintas esferas da atividade.

A *vergonha* traz “[...] o relato de um fechamento, aquele da inocência tradicionalmente inscrito ao período da infância” (Bertrand, 2018, p. 76, tradução nossa)<sup>6</sup>. O afeto que intitula a obra parece tematizar os valores “da morte física à morte social”, carregando “[...] a sensação deletéria de ter vivido uma infância precária, imprópria e, sobretudo, exposta a perigos de natureza diversas” (Bertrand, 2018, p. 81, tradução nossa)<sup>7</sup>. Nas palavras da narradora, o fim da infância inaugura “[...] o tempo no qual eu não deixaria mais de sentir vergonha” (Ernaux, 2022 [1997], p. 16). Cronotopicamente, os acontecimentos posteriores à cena semantizam o presente da enunciação e, simultaneamente, anunciam a futura vergonha. Assim, a cronotopia do enunciado “*you vai me afundar na desgraça*” parece reverberar a transmissão de uma herança psíquica, tematizando os destinos do trauma na infância e na vida adulta a partir do projeto discursivo da obra. Os signos ideológicos “desgraça” e “vergonha” são enunciados da autora já matizados pelas palavras alheias que, no discurso, dialogizam cronotopias. Nisso, a emergência da vergonha na e pela articulação entre o sujeito, os outros concretos da cena e os valores sociais mais amplos impressos na linguagem levam a narradora, “quase inevitavelmente, à compreensão de mecanismos sociais e culturais mais vastos” (Montémont, 2012, p. 49, tradução nossa)<sup>8</sup>.

A memória, sendo uma figuração da temporalidade, prevê alguma “transfiguração do passado”, pois, embora não se possa modificar “o aspecto efetivamente *material* do passado”, o “[...] aspecto de sentido, o aspecto expressivo, falante pode ser modificado, porquanto é inacabável e não coincide consigo mesmo (ou é livre)” (Bakhtin, 2017 [1970-1971], p. 60). Em *A vergonha*, o trauma, ganhando contornos enunciativos, encaminha-se a uma nova subjetivação temporal da alteridade por meio da narrativa, a um nascimento social na linguagem, dissolvendo “[...] a cena indizível dos meus doze anos na generalidade das leis e da linguagem” (Ernaux, 2022 [1997], p. 24). Como pensar, então, tais contornos heterodiscursivos?

### 3 POR UMA ELABORAÇÃO HETERODISCURSIVA DO TRAUMA

Montémont (2012, p. 49, tradução nossa)<sup>9</sup> defende que, na autobiografia, “[...] o documento [...] participa da recolocação perspectiva do destino individual no seio do destino coletivo”. No caso da escrita de Ernaux, Montémont (2015, p. 154, tradução nossa)<sup>10</sup> ressalta o peso da memória coletiva reconstituída por “diferentes esferas temporais e sociais”, desde uma focalização enunciativa plural, exemplificando o “[...] paradoxo da inclusão, em uma escritura cuja essência mesma é de ser fundamentalmente subjetiva, de voz terceiras” (Montémont, 2012, p. 46, tradução nossa)<sup>11</sup>. Nisso, objetiva-se um estilo que orchestra, explicita e mostradamente, diferentes socioletos, léxicos, expressões de diferentes cronotopos, fazendo a voz da autora refratar-se em ecos de distintas vozes (Montémont, 2015). Em *A vergonha*, a narradora descreve o método de escrita adotado, refletindo sobre a procura das vozes alheias para elaborar o trauma:

A única forma segura de alcançar minha realidade de então é buscar as leis e os ritos, as crenças e os valores que caracterizavam os meios pelos quais eu circulava (a escola, a família, a vida no interior), nos quais eu estava presa e que conduziam minha vida sem que eu percebesse suas contradições. Lançar luz sobre as linguagens que me constituíam, as palavras da religião, aquelas usadas por meus pais ligadas aos gestos e às coisas, os folhetins que eu lia no *Petit Écho de la mode* ou no *Les Veillées de chaumières*. Fazer uso dessas palavras – algumas das quais ainda exercem seu peso sobre mim – para decompor e remontar, ao redor da cena daquele domingo de junho, o texto que compunha meu mundo aos doze anos, quando achei que iria enlouquecer. (Ernaux, 2022 [1997], p. 24).

<sup>6</sup>No original, “Et, dans les deux cas, l’ouverture narrative génère le récit d’une fermeture, celle de l’innocence traditionnellement dévolue à la période de l’enfance”.

<sup>7</sup>No original, “Ainsi, de la mort physique à la mort sociale, la sensation délétère d’avoir vécu une enfance précaire, malpropre et surtout exposée à des dangers de toutes natures s’impose progressivement à elle”.

<sup>8</sup>No original, “Selon Daniel Guérin, l’autobiographie est ‘décloisonnement et désagrégation des destinées’ et participe de la ‘désaliénation générale’; il est vrai que décrire sa proche vie, ou celle d’un parent, emmène presque inévitablement vers la compréhension de mécanismes sociaux et culturels plus vastes”.

<sup>9</sup>No original, “Enfin, le document, et notamment lorsqu’il est ‘allobiographique’, participe de la remise en perspective de la destinée individuelle au sein de la destinée collective”.

<sup>10</sup>No original, “Toutefois, ce déploiement ne resterait qu’un procédé, s’il n’était le réceptacle d’une véritable polyphonie; c’est elle qui rend le livre apte à porter la voix des différentes sphères temporelles et sociales que l’auteur prétend restituer”.

<sup>11</sup>No original, “Pourtant, on peut s’interroger sur le paradoxe qu’il y a à faire entrer, dans une écriture dont l’essence même est d’être fondamentalement subjective, des voix tierces”.

A descrição metodológica da narradora pode ser compreendida pela perspectiva filosófica da “consciência linguística galileana relativizada”, marcada pela “[...] substancial comunhão na social multiplicidade e diversidade de linguagens das línguas em formação” (Bakhtin, 2015 [1934-1935], p. 116). Segundo Bakhtin (2015 [1934-1935], p. 135), a abertura galileana da subjetividade à alteridade caracteriza o falante no romance, cuja formação da consciência “[...] é um processo de assimilação seletiva das palavras dos outros”. A ênfase na seletividade pela qual a palavra alheia é assimilada revela que a consciência, bem como “[...] todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) [são] pleno[s] de palavras dos outros, em um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância”, as quais “assimilamos, reelaboramos e reacentuamos” (Bakhtin, 2015 [1934-1935], p. 54), sem com isso deixar de ocupar um lugar singular na existência (Bakhtin, 2020 [1920-1924]). Na verdade, a resposta às palavras alheias é a modalidade mesma da singularidade no/do ser-evento.

Ainda, o discurso revela uma série de movimentos *entre* o presente, o passado e o futuro, amalgamando no enunciado o ato ético enquanto assunção de valores e vozes circulantes na cultura. Considerando que “[...] qualquer ato, sendo gerado na participação do *eu* com o *outro*, e acompanhado tácita ou explicitamente pela palavra, possui uma dimensão dialógica” (Bubnova, 2016, p. 145), a rememoração instala uma contraposição arquitetônica entre o eu e o outro que, em seu funcionamento dialogizante, põe em cena “[...] complexas relações de reciprocidade com a palavra do outro em todos os campos da cultura”, começando pela assimilação da palavra alheia e “[...] terminando na assimilação das riquezas da cultura humana (expressas em palavras ou em outros materiais semióticos)” (Bakhtin, 2017 [1970-1971], p. 38). É o diálogo entre tempos e culturas, impresso na materialidade do discurso, o fundo filosófico que explica a dialogicidade interna da consciência como assimilação responsiva do heterodiscurso (Bakhtin, 2015 [1934-1935]).

O heterodiscurso designa as linguagens sociais concretas, vivas, respondentes à pluralidade dos usos linguísticos compartilhados por distintas coletividades, bem como às visões de mundo de grupos sociais determinados. Segundo Bakhtin (2015 [1934-1935], p. 65), as linguagens sociotípicas objetivam “quaisquer cosmovisões sociais significativas”, fazendo com que as línguas sociais se individuem segundo “[...] pontos de vista específicos sobre o mundo, formas de sua compreensão verbalizada, horizontes concreto-semânticos e axiológicos específicos” (Bakhtin, 2015 [1934-1935], p. 67). Nessa senda, o universo heterodiscursivo torna-se o “autêntico meio da enunciação, no qual ela se forma e vive”, apresentando uma natureza, ao mesmo tempo, “anônim[a] e social como a língua” e “ric[a] em conteúdo e acentuad[a] como enunciação individual” (Bakhtin, 2015 [1934-1935], p. 42).

A narradora de *A vergonha* menciona figurações do heterodiscurso ao se referir a leis, ritos, crenças e valores cronotopicamente situados no discurso dos grupos sociais pelos quais transitou durante a infância. Quando a narradora indica sentir-se “segura” para manipular/orquestrar as vozes sociais de sua época, o heterodiscurso parece ser assumido – de maneira mais ou menos consciente – como meio, condição e espaço de elaboração do trauma. No viés da herança psíquica, observamos um aspecto de assimilação do heterodiscurso pela repetição das vozes sociais a que a narradora “[...] estava presa e que conduziam [sua] vida sem que [...] percebesse suas contradições” (Ernaux, 2022 [1997], p. 24). Nessa via, a dialogização das vozes heterodiscursivas permite historicizar a herança psíquica (Inglez-Mazzarella, 2020), dotando o discurso de contornos temporais e espaciais que permitem que o sujeito não se aliene completamente ao dizer alheio (Silva, 2023), ou seja, que o sujeito possa posicionar-se de modo singular e responder ao discurso do outro.

Na menção às “[...] palavras da religião, aquelas usadas por meus pais ligadas aos gestos e às coisas, os folhetins que eu lia no *Petit Écho de la mode* ou no *Les Veillées de chaumières*”, o discurso da memória começa a se encarnar em objetos heterodiscursivos históricos, ganhando um “[...] centro de origem realmente concreto, seja espacial ou temporal, de valorações reais, de afirmações, de ações” (Bakhtin, 2020 [1920-1924], p. 123). Em outras palavras, as linguagens sociotípicas, como o *Petit Écho de la mode*, são, por um lado, elementos terceiros englobantes da cena enunciativa e, por outro, partícipes cuja agentividade passa a ser reconhecida, representando outros concretos a quem direcionar um apelo. Nisso, inscreve-se a “memória que está na cultura e em seus objetos”, a qual “perpassa as relações intersubjetivas e as constitui ao mesmo tempo em que é atualizada por elas” (Amorim, 2009, p. 10). Relacionada à instância sociodiscursiva da palavra alheia, a memória de objeto deposita-se na palavra e em outras semioses. Quando postas no enunciado, mobiliza “[...] um universo discursivo que eu atualizo, revivo e retransmito” (Amorim, 2009, p. 12), prevendo a encarnação do passado no presente, bem como o aceno a diálogos futuros.

Por isso, Bubnova (2016, p. 238) defende que as relações entre memória, história e heterodiscurso, postas em cena na/pela retomada e atualização contínua da palavra alheia, “[...] nos conduz à concepção da memória como condição semiótica da cultura e da terceiridade como instância valorativa no diálogo ontológico”. A pesquisadora reitera o caráter encarnado da memória amalgamada à linguagem, a qual “[...] é capaz de registrar rastros da alteridade, tanto virtuais quanto materiais, daquelas pessoas que existiram antes” (Bubnova, 2016, p. 238). Juntamente com a autora, podemos prospectar uma abordagem da memória capaz de conjugar tanto a concretude imediata da palavra alheia quanto a historicidade semântica mais ampla e menos imediata do terceiro no diálogo (Bakhtin, 2016 [1959-1961]), componente enunciativo que põe em cena a evocação da própria linguagem enquanto espaço superpovoado e agentivo de produção de sentidos. Tanto pela perspectiva da dialogização de cronotopos no ato ético quanto pela dialogização heterodiscursiva do ato estético, a narradora de *A vergonha* apela à agentividade da memória, às palavras *dos outros*, do amplo espectro vocal e axiológico do terceiro no diálogo, enquanto auditório social do enunciado traumático.

Elencando memórias relativas à cidade de Yvetot, a narradora de *A vergonha* menciona variações linguísticas importantes entre o centro e os bairros, indicando a passagem “[...] de um lugar no qual se fala bem francês para outro no qual se fala mal, isto é, no qual o francês aparece misturado com o patoá em proporções variadas, de acordo com a idade, o tipo de trabalho e o desejo de se instruir” (Ernaux, 2022 [1997], p. 33). A menção ao “patoá”, dialeto interiorano, dialoga com a autoapreciação que a narradora faz do enunciado “você vai me fazer cair na desgraça”, proferido aos pais na cena traumática. Em nota de rodapé, a narradora indica que a expressão pertence ao dialeto normando, significando “ficar louco e infeliz para sempre depois de ter vivido uma situação de pavor” (Ernaux, 2022 [1997], p. 10).

A palavra “pavor”, por sua vez, parece dar contornos enunciativos ao excedente afetivo ainda não-representado do trauma, encaminhando a busca por uma representação. A nota da autora envolve um retorno ao próprio dizer, uma reacentuação que a orquestração heterodiscursiva suscitou. Ora, o enunciado necessariamente implica o sujeito que o escuta e o transmite, cabendo a ele respondê-lo de modo mais ou menos explícito (Volóchinov, 2018 [1929]). No caso apresentado, a autora não somente promove um segundo nascimento social da cena traumática no discurso, como a revaloriza e a reacentua, trazendo à tona um potencial de elaboração do trauma no/pelo laço social. Esse laço compreende não apenas a miríade de outros que irão responder à narrativa – os leitores –, como também a confiança na instância terceira da própria linguagem – o terceiro no diálogo –, que, uma vez evocada, ratifica os sentidos produzidos, dotando-lhe de valores espaço-temporais (Bubnova, 2016).

No âmbito da língua, outras apreciações pejorativas da linguagem íntima, pertencente ao registro familiar, é identificada em diários: “Em 1952 escrevo ‘em francês correto’, mas com certeza digo ‘d’onde você volta’, em vez de ‘quando’, e uso a expressão ‘me dessujar’ para ‘me lavar’, como meus pais, pois compartilhamos a mesma experiência de mundo” (Ernaux, 2022 [1997], p. 34). Descobrir, na vergonha, a herança do preconceito linguístico e de classe valorativamente plasmado em recortes heterodiscursivos contribui para que algo do trauma seja contornado desde o campo do indizível: “Aos doze anos, eu vivia nos códigos e nas regras desse mundo, sem poder suspeitar da existência de outros” (Ernaux, 2022 [1997], p. 37). Nisso, instala-se o movimento de retomar o passado e nomear os afetos, primordial à elaboração, pois, nesse estágio, os conteúdos psíquicos “[...] não deve[m] mais ser algo desprezível para ele [o paciente], mas sim tornar-se um digno adversário, uma parcela do seu ser fundamentada em bons motivos, de que cabe extrair algo valioso para sua vida futura” (Freud, 2010 [1914], p. 203). A elaboração, nessa via, pode ser lida como a produção de modos socialmente aceitos de escoamento e descarga de afetos antes reprimidos. Bakhtin (2015 [1934-1935], p. 143) contribui para essa discussão quando considera que as vozes do discurso interior, a consciência, “[...] nascidas da palavra do outro ou dialogicamente estimuladas por ela, mais cedo ou mais tarde começam a libertar-se do poder dessa palavra alheia”. Nesse sentido, a alteridade da cena traumática pode ser pensada como uma palavra alheia à espera de transmissão e vozeamento, destacando-se do plano do indizível (Bertrand, 2018) e passando a participar de um universo cronotópico e autoral determinado, embora sempre organizado nas e pelas vozes heterodiscursivas alheias, sejam elas concretamente identificáveis ou potenciais, culturalizadas e historicizadas na/pela terceiridade da linguagem (Bubnova, 2016).

O último capítulo de *A vergonha* recupera o heterodiscurso do tempo infantil com menor grau de separação entre a palavra própria e a palavra alheia. No trecho a seguir, a narradora reflete sobre a insistência da vergonha ao final do trabalho realizado:

Depois de cada uma das imagens desse verão, minha tendência natural seria escrever ‘então descobri que’, ou ‘eu me dei conta de que’, mas essas palavras pressupõem uma consciência clara das situações vividas. O que houve foi apenas uma sensação de vergonha que fez com que essas imagens ficassem gravadas em minha memória desprovidas de qualquer sentido. Mas nada pode apagar o que senti, esse peso, esse aniquilamento. Ele é a derradeira verdade.

É ele que une a menina de 1952 à mulher que escreve essas palavras. (Ernaux, 2022 [1997], p. 76).

A conclusão, ao ter revisitado a cena traumática, foi resistir ao apagamento e ao aniquilamento. Em termos psicanalíticos, cabe assinalar que elaborar o trauma não é superá-lo, mas saber-fazer com ele algo que não implique o desaparecimento angustioso de si (Inglez-Mazzarella, 2020). Sem negar o trauma, a narradora assume seu peso histórico, apresentando ao leitor um produto cultural novo, uma obra. Algo da vergonha pôde ser colocado em palavras, contornado nos e pelos trechos heterodiscursivos recuperados do passado e projetados ao futuro. Toda elaboração prevê “[...] um resto que resiste à simbolização”; entretanto, “entre o dizer todo, impossível, e o nada dizer, porque não há palavras, coloca-se a tarefa analítica de alargamento representacional” (Inglez-Mazzarella, 2020, p. 134). A objetivação da cena traumática na e pela orquestração de vozes heterodiscursivas retomadas é índice desse alargamento, pois, além do acabamento estético da obra, a palavra alheia permitiu assumir a vergonha como aquilo que “[...] une a menina de 1952 à mulher que escreve essas palavras”: a historicização e a subjetivação desse afeto reacentuado como elo entre o psiquismo e a autoria de sua história.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, propusemos uma discussão entre o pensamento bakhtiniano e a psicanálise, realçando a cooperação entre as áreas (Bakhtin, 2017 [1970-1971]). A focalização do trauma desde as lentes da transmissão psíquica intergeracional (Inglez-Mazzarella, 2020; Silva, 2023) permitiu-nos entrelaçar fatores familiares, sociais e psíquicos que poderiam ser concretamente analisados na narrativa. A alteridade bakhtiniana foi a ponte dialógica a partir da qual compreendemos a formação da subjetividade em face à apropriação reacentuativa das palavras alheias em uma obra literária. Propusemos, como objetivo, examinar o funcionamento das linguagens sociais na enunciação do trauma em *A vergonha* (2022 [1997]), de Annie Ernaux, discutindo a produtividade do pensamento bakhtiniano para compreender a elaboração do trauma nas dinâmicas enunciativas heterodiscursivas.

Ao nos perguntarmos de que maneira o ideário bakhtiniano ilumina a elaboração do trauma, estudamos a relação entre multiplicidade de vozes sociais, temporalidade e alteridade, destacando o heterodiscurso e a cronotopia enquanto índices de implicação subjetiva do ato ético, recuperando e atualizando valores historicizados e culturalizados (Bubnova, 2016). Em *A vergonha*, essa perspectiva demonstrou a importância do contexto espaço-temporal da cena traumática e do caráter das vozes heterodiscursivas que a permeiam na enunciação da narradora. A figuração da historicidade da palavra alheia no *segundo nascimento social do corpo* (Volóchinov, 2017 [1927], 2019 [1925]), na *ajuda alheia* (Freud, 1996 [1886-1889]), na *evocação* (Lacan, 1998 [1953]) e no *apelo* (Bakhtin, 2018 [1963]) pode ser pensada como manifestação da responsividade e do endereçamento, tanto do enunciado quanto da consciência (Bakhtin, 2015 [1934-1935], 2016 [1952-1953]), que fundam, no nascimento, a humanização; no trauma, a (re)valorização de uma temporalidade suspensa, em processo de ser enunciada.

Ao analisarmos de que maneira a dinâmica enunciativa entre a memória do trauma e o heterodiscurso cria contornos para a produção de um enunciado em que o sujeito revisita e reavala trauma, conduzindo à elaboração psíquica, entendemos a enunciação do trauma como um segundo nascimento concreto de uma palavra íntima, que adquire contornos nas dinâmicas de assimilação, reelaboração e reacentuação da palavra alheia no campo social (Bakhtin, 2016 [1952-1953]). Em *A vergonha*, joga-se luz nas palavras alheias que compõem o discurso da memória de infância, buscando, na aperceptibilidade relativa da alteridade no dizer autoral, o amparo concreto para enunciar a vivência traumática. Por fim, conforme *A vergonha* (2022 [1997]) nos mostra, o processo de dar contornos enunciativos ao trauma é sempre lacunar e tentativo. Com efeito, a complexidade de narrar o trauma não supõe uma superação do ocorrido, mas a própria obra, fruto do enformamento do enunciado, traz consigo o ato de “colocar um ponto” de “fazer outra coisa” para além de seguir repetindo eternamente” a angústia (Inglez-Mazzarella, 2020, p. 164). Seguindo a trama heterodiscursiva, futuros leitores de Ernaux poderão verificar outras modificações estilísticas que indiciam como a articulação

entre o sujeito, o outro e a linguagem criam as condições para *fazer nascer*, em obra, o que, inicialmente, se situava no campo do indizível (Bertrand, 2018).

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, M. Memória do objeto – uma transposição bakhtiniana e algumas questões para a educação. *Bakhtiniana*, v. 1, n. 1, p. 8-22, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/2993>. Acesso em: 28 fev. 2025.
- BAKHTIN, M. Fragmentos dos anos 1970-1971. In: BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017 [1970-1971]. p. 21-56.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016 [1952-1953]. p. 11-69.
- BAKHTIN, M. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016 [1959-1961]. p. 71-107.
- BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 3. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020 [1920-1924].
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018 [1963].
- BAKHTIN, M. *Teoria do Romance I: A estilística*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015 [1934-1935].
- BAKHTIN, M. *Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018 [1975].
- BERTRAND, M. La Scène traumatique: fermeture de l'enfance, ouverture du récit d'enfance dans La honte d'Annie Ernaux et Le cri du sablier de Chloé Delaume. *Revue critique de fixxion française contemporaine*, v. 17, p. 1-12, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/fixxion.6028>. Acesso em: 04 abr. 2025.
- BOURDIEU, P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 11. ed. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papyrus, 2011 [1994].
- BUBNOVA, T. *Do corpo à palavra: leituras bakhtinianas*. Tradução de Nathan Bastos de Souza. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016.
- ERNAUX, A. *A vergonha*. Tradução de Marília Garcia. São Paulo: Fósforo, 2022 [1997].
- ERNAUX, A. *A escrita como faca e outros textos*. Tradução de Mariana Delfini. São Paulo: Fósforo, 2023 [2003].
- FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- FELIPPI, M. C. P. Função fraterna e cena primária. *Estilos Da Clínica*, v. 6, n. 11, p. 126-132, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v6i11p126-132>. Acesso em: 28 fev. 2025.

FREUD, S. Além do princípio do prazer. *In: FREUD, S. Obras completas*, volume 14. História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 [1920]. p. 161-239.

FREUD, S. *Obras completas*, volume 10. Conferências introdutórias à psicanálise. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014 [1916-1917].

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. *In: FREUD, S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Volume 1. Publicações Pré-psicanalíticas e Esboços inéditos (1886-1889). Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1886-1889]. p. 341-466.

FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar. *In: FREUD, S. Obras completas*, volume 10. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”): artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 [1914]. p. 193-209.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *In: FREUD, S. Obras completas*, volume 6. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016 [1905]. p. 13-172.

GRILLO, S. V. C. Marxismo, psicanálise e método sociológico: o diálogo de Volóchinov, marxistas soviéticos e europeus com Freud. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 54-75, set./dez. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2176-457332107>. Acesso em: 4 fev. 2026.

GRILLO, S. V. C.; AMÉRICO, E. V. Registros de Valentin Volóchinov nos arquivos do ILIAZV. *In: VOLÓCHINOV, V. A palavra na vida e a palavra na poesia*: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 7-56.

INGLEZ-MAZZARELLA, T. *Fazer-se herdeiro*: a herança psíquica entre gerações. São Paulo: Escuta, 2020.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. *In: LACAN, J. Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998 [1953]. p. 238-324.

LACAN, J. Nota sobre a criança. *In: LACAN, J. Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003 [1969]. p. 369-371.

LACAN, J. *Seminário, livro 11*: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de M. D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008 [1964].

LIMA, S. M. M.; PERINI, R. Bakhtin e Freud: aproximações e distâncias. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 80-99, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3013>. Acesso em: 06 abr. 2025.

MOLL, E. S. *A cura pela palavra*: um olhar bakhtiniano para a interação discursiva no tratamento psicanalítico freudiano. 2022. 160f. Dissertação (Mestrado em Letras – Linguística) – Escola de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2022. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/10227>. Acesso em: 29 dez. 2024.

MONROY, A. R. Bakhtin e Freud: a questão do inconsciente. Tradução de Luciane de Paula e Érika Michela Carlos. *In: PAULA, L.; STAFUZZA, G. (org.) Círculo de Bakhtin*: concepções em construção – volume 4. p. 79-96.

MONTÉMONT, V. La chambre d'échos: sur Les Années, d'Annie Ernaux. *L'intertextualité dans l'œuvre d'Annie Ernaux*, Rouen, France, 2015. Disponível em: <https://autobiosphere.wordpress.com/annie-ernaux-la-chambre-dechos-v-montemont/>. Acesso em: 28 fev. 2025.

MONTÉMONT, V. Vous et moi: usages autobiographiques du matériau documentaire. *Littérature*, n. 166, p. 40-54, jun. 2012. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-litterature-2012-2-page-40.htm>. Acesso em: 05 jan. 2025.

MOURA-VIEIRA, M. O freudismo: uma crítica à ideologia psiquiátrico-psicanalítica. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 49-72.

PINHEIRO, M. A.; AGUIAR, M. B.; CARVALHO, G. M. M. Limites e possibilidades de interlocução entre o dialogismo bakhtiniano e a psicanálise. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 22, n. 2, p. 254-277, abr./jun. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2019v22n2p254.6>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SILVA, M. C. P. *A herança psíquica na clínica psicanalítica*. 2. ed. São Paulo: Blucher, 2023.

VASCONCELOS, A. T. N.; LIMA, M. C. P. Considerações psicanalíticas sobre a herança psíquica: uma revisão de literatura. *Cadernos de Psicanálise CPRJ*, Rio de Janeiro, v. 37, n. 32, p. 85-103, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v37n32/v37n32a05.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2025.

VOLÓCHINOV, V. *O freudismo: um esboço crítico*. Tradução de Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017 [1927].<sup>12</sup>

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Américo. São Paulo: Editora 34, 2018 [1929].

VOLÓCHINOV, V. Do outro lado do social: sobre o freudismo. In: VOLÓCHINOV, V. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019 [1925]. p. 59-108.



**Recebido em 07/04/2025.**

**Aceito em 07/01/2026.**

**Publicada em 15/03/2026.**

<sup>12</sup>Maiores esclarecimentos sobre a aferição de autoria nessa referência conforme nota de rodapé n. 7.